A ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA)

LIDIA IRENIA BATISTA ROCHA QUEIROZ

Resumo

A alfabetização é uma das etapas mais significativas do desenvolvimento humano, pois envolve a aquisição de habilidades complexas que integram percepção, linguagem, atenção e memória. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), originada dos princípios do behaviorismo radical, oferece instrumentos científicos para compreender e modificar comportamentos, favorecendo a aprendizagem funcional e individualizada. Este artigo tem como objetivo discutir as contribuições da ABA para o processo de alfabetização, especialmente no contexto educacional inclusivo, em que as diferenças cognitivas e comportamentais dos estudantes exigem estratégias diversificadas. Por meio de uma abordagem teórico-reflexiva, são apresentadas evidências de como os princípios da ABA ,reforçamento, modelagem, encadeamento e análise de tarefas,podem potencializar a aquisição da leitura e da escrita, promovendo autonomia e engajamento. Conclui-se que o uso ético e sistematizado da ABA pode favorecer práticas pedagógicas mais responsivas e eficazes, contribuindo para uma alfabetização verdadeiramente inclusiva e significativa.

Palavras-chave: ABA. Alfabetização. Ensino da leitura e escrita. Inclusão. Educação.

1. INTRODUÇÃO.

A alfabetização constitui um marco decisivo no desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança. O domínio da leitura e da escrita representa não apenas a decodificação de símbolos gráficos, mas também a ampliação da capacidade de interpretar o mundo e participar ativamente da vida cultural e comunicativa da sociedade. Todavia, a realidade escolar brasileira ainda evidência inúmeros desafios nesse processo, sobretudo diante da heterogeneidade das turmas e da diversidade dos perfis de aprendizagem que caracterizam o contexto educacional contemporâneo.

Nesse cenário, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) destaca-se como uma abordagem científica capaz de auxiliar o professor na criação de ambientes pedagógicos estruturados e responsivos às necessidades individuais dos alunos. Ao basear-se na observação sistemática e na mensuração objetiva do comportamento, a ABA oferece instrumentos precisos para planejar intervenções que promovam o progresso gradual e mensurável das habilidades de leitura e escrita. Fundamentada nos princípios do behaviorismo radical de B. F. Skinner (1953), essa abordagem propõe o uso de contingências de reforço e modelagem para o desenvolvimento de

comportamentos alfabetizadores, favorecendo aprendizagens duradouras e funcionais.

A perspectiva analítico-comportamental entende que o ato de ler e escrever é um comportamento verbal , ou seja, uma ação aprendida e mantida pelas consequências que produz no ambiente social. Segundo Skinner (1957), o comportamento verbal não é inato, mas adquirido por meio de interações e reforços contingentes. Nesse sentido, quando a criança aprende a associar um grafema a um fonema e, posteriormente, a reconhecer padrões de sílabas e palavras, ela está desenvolvendo uma cadeia de comportamentos sucessivos que podem ser cuidadosamente observados, modelados e reforçados pelo educador. Assim, a alfabetização passa a ser compreendida não como um processo mágico ou espontâneo, mas como o resultado de um ensino planejado, intencional e sistemático.

Além disso, a ABA contribui de forma significativa para o ensino diferenciado e inclusivo, pois permite adaptar o ritmo, os estímulos e os reforçadores de acordo com as características e necessidades de cada aluno. Em contextos onde coexistem crianças em diferentes hipóteses de escrita , desde o nível pré-silábico até o alfabético consolidado , o uso de estratégias baseadas na análise funcional do comportamento possibilita que o professor identifique quais condições

ambientais estão facilitando ou dificultando o aprendizado. A partir disso, podem ser implementadas intervenções individualizadas, capazes de ampliar o repertório acadêmico e social de cada estudante, respeitando seu ritmo de desenvolvimento.
Outro aspecto essencial é que a ABA oferece ferramentas práticas para mensurar o progresso de forma contínua, por meio da coleta e análise de dados comportamentais. Esse acompanhamento sistemático permite ao professor avaliar a eficácia das estratégias adotadas e ajustar o planejamento pedagógico sempre que necessário. Dessa forma, o processo de alfabetização deixa de se basear apenas na intuição docente e passa a apoiar-se em evidências empíricas. Essa postura científica fortalece a prática pedagógica e confere ao educador um papel investigativo, aproximando a escola de uma cultura de observação, registro e reflexão sobre a aprendizagem.
Por fim, a incorporação dos princípios da ABA ao campo da alfabetização representa uma ponte entre a ciência do comportamento e a prática pedagógica,

favorecendo a criação de ambientes educativos mais previsíveis, positivos e motivadores. O uso do reforço positivo, da modelagem e da análise de tarefas permite que o ensino da leitura e da escrita seja conduzido com base em metas claras e alcançáveis, o que contribui para o fortalecimento da autoestima e da autonomia dos alunos. Dessa forma, o educador torna-se um mediador de experiências de sucesso, promovendo não apenas o avanço acadêmico, mas também o desenvolvimento integral do aprendiz.

2. Fundamentos da ABA

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) constitui-se como uma ciência empírica que investiga o comportamento humano em contextos reais, buscando compreender as relações entre os estímulos do ambiente, as respostas emitidas pelo indivíduo e as consequências que mantêm ou modificam tais respostas. Sua base conceitual deriva do behaviorismo radical, proposto por B. F. Skinner, que compreende o comportamento como parte integrante das interações entre organismo e ambiente, e não como mero produto de fatores internos ou mentais. Segundo Skinner (1953, p. 35), "o comportamento é uma função das suas consequências", indicando que os atos humanos são moldados e mantidos pelos efeitos que produzem no ambiente.

A ABA, enquanto campo aplicado, consolida-se como uma ciência do comportamento orientada para a intervenção prática e mensurável. Conforme afirmam Baer, Wolf e Risley (1968, p. 92), "a Análise do Comportamento Aplicada deve ser aplicada, comportamental e analítica", o que significa que suas práticas devem produzir mudanças socialmente significativas, ser descritas em termos observáveis e basear-se em relações funcionais verificáveis entre variáveis. Essa perspectiva destaca o compromisso da ABA com a objetividade e a mensuração dos resultados, o que a diferencia de abordagens intuitivas ou descritivas da aprendizagem.

Os princípios básicos da ABA — como o reforçamento, a modelagem, o encadeamento e a análise de tarefas — constituem ferramentas essenciais para promover o aprendizado. O reforçamento positivo, conforme definido por Skinner

(1953), ocorre quando a apresentação de um estímulo agradável após um comportamento aumenta a probabilidade de sua recorrência. Em outras palavras, o comportamento é fortalecido pelas consequências que o seguem. No contexto educacional, essa noção é aplicada quando o professor reconhece e valoriza comportamentos adequados, como a participação ativa ou a leitura correta de uma palavra, utilizando elogios, gestos de aprovação ou recompensas simbólicas para manter tais respostas.

Outro recurso fundamental é a modelagem, que consiste no ensino gradual de comportamentos complexos por meio de aproximações sucessivas. Cooper, Heron e Heward (2020) explicam que a modelagem permite que o aprendiz avance progressivamente em direção ao comportamento-alvo, rece-

bendo reforço a cada etapa bem-sucedida. Esse procedimento é particularmente útil na alfabetização, onde a criança pode ser reforçada inicialmente por reconhecer letras, depois por formar sílabas e, finalmente, por ler palavras e frases completas. Assim, o ensino torna-se cumulativo e estruturado, reduzindo frustrações e promovendo uma aprendizagem significativa.

O encadeamento, por sua vez, envolve a decomposição de uma tarefa complexa em pequenas unidades comportamentais, que são ensinadas de forma sequencial até que o repertório completo seja dominado. Como descrevem Vargas (2013) e Skinner (1957), esse processo possibilita o ensino de habilidades como a leitura, que requer a integração de múltiplos comportamentos — desde a discriminação visual de letras até a compreensão de sentenças. Ao dominar cada elo da cadeia, o aprendiz constrói progressivamente o comportamento final, o que torna o processo mais acessível e controlável.

Por fim, a análise de tarefas permite identificar as partes constituintes de uma atividade e compreender como cada uma delas contribui para o comportamento global. Essa análise é essencial para o planejamento pedagógico, pois orienta o professor sobre quais habilidades devem ser ensinadas, em que ordem e sob quais condições. Segundo Baer, Wolf e Risley (1968), essa sistematização garante que o ensino seja empiricamente fundamentado e socialmente relevante, permitindo que o educador tome decisões baseadas em dados e observações concretas.

Dessa forma, os fundamentos da ABA oferecem um arcabouço científico sólido para a prática pedagógica, permitindo que o processo de ensino e aprendizagem seja planejado, acompanhado e ajustado com base em evidências. Ao compreender o comportamento como produto da interação entre indivíduo e ambiente, a ABA amplia as possibilidades de intervenção educacional, promovendo aprendizagens mais eficazes, personalizadas e éticas.

3. A alfabetização sob a perspectiva comportamental

Na obra Verbal Behavior (1957), B. F. Skinner propõe que a linguagem é um comportamento operante, isto é, um conjunto de respostas que são modeladas e mantidas por suas consequências no ambiente social. Diferentemente das teorias mentalistas, que atribuem a aquisição da linguagem a processos internos ou inatos, Skinner defende que "o comportamento verbal é sustentado por reforços mediados por outras pessoas" (SKINNER, 1957, p. 2). Essa concepção desloca o foco da linguagem como representação mental para a linguagem como ação social, algo que se aprende, se reforça e se mantém em função das contingências do meio.

Sob essa ótica, ler e escrever são comportamentos verbais aprendidos por meio da relação entre estímulos e respostas. A leitura envolve a discriminação de estímulos visuais, como letras, sílabas e palavras, e a emissão de respostas vocais ou compreensivas; a escrita, por sua vez, consiste na produção de símbolos gráficos correspondentes a estímulos auditivos ou visuais. Em ambos os casos, há uma relação funcional entre estímulo e resposta mediada por reforços sociais, como elogios, reconhecimento ou sucesso na comunicação. Conforme enfatizam Baer, Wolf e Risley (1968), o objetivo da intervenção analítico-comportamental é justamente promover comportamentos socialmente significativos, e a alfabetização, nesse contexto, é uma das formas mais relevantes de comportamento verbal.

A alfabetização sob a perspectiva da ABA parte, portanto, do princípio de que ensinar a ler e escrever é ensinar novos comportamentos. O processo de alfabetizar não se limita à memorização de códigos ou regras, mas à construção de repertórios verbais que permitam à criança responder de forma funcional às demandas linguísticas e cognitivas do ambiente. Nesse sentido, o foco desloca-se da transmissão mecânica de conteúdos para o ensino planejado e reforçado de

competências específicas, graduais e cumulativas. O reforço positivo, quando adequadamente administrado, torna-se um ele-

mento motivador, transformando o ato de aprender em uma experiência prazerosa e significativa.

A ABA propõe que todo comportamento complexo, como a leitura e a escrita, pode ser decomposto em unidades menores e ensinadas de forma sistemática. Skinner (1953) já destacava que o ensino eficaz depende da análise minuciosa do comportamento que se deseja desenvolver e da identificação das contingências que
o controlam. No contexto da alfabetização, essa decomposição pode envolver desde
o reconhecimento de letras e sons até a formação de sílabas, palavras e sentenças, passando pelo entendimento semântico e sintático. Essa abordagem permite que o professor observe cada etapa do processo, identifique dificuldades específicas e intervenha de modo preciso, garantindo avanços graduais e mensuráveis.

Outro aspecto central da alfabetização sob a perspectiva comportamental é
o papel ativo do professor como mediador do ambiente. O docente é responsável por criar contingências que favoreçam a emissão dos comportamentos desejáveis, seja o ato de ler uma palavra corretamente, de produzir um texto ou de compreender uma instrução escrita. Cooper, Heron e Heward (2020) ressaltam que o ambiente de ensino deve ser estruturado para maximizar oportunidades de resposta, promover feedback imediato e assegurar a manutenção do comportamento aprendido. Assim, o educador deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e assume a função de analista do comportamento, observando, registrando e ajustando continuamente as condições de aprendizagem.

A alfabetização, quando conduzida sob a ótica da ABA, também se mostra altamente inclusiva, pois permite adaptar o ensino de acordo com o repertório inicial de cada estudante. Crianças em diferentes hipóteses de escrita, com defasagens cognitivas ou com transtornos do desenvolvimento, podem ser beneficiadas por um ensino que respeita seu ritmo e reforça cada progresso obtido. Conforme observa Vargas (2013), o ensino analítico-comportamental valoriza a individualização do processo educativo, garantindo que o aluno avance a partir do ponto em que se encontra, e não do ponto idealizado por uma média da turma. Essa lógica reduz frustrações, promove engajamento e potencializa a aprendizagem significativa.

Por fim, alfabetizar a partir dos princípios da ABA é compreender que a aprendizagem é um processo observável, mensurável e modificável. O professor, ao planejar suas intervenções com base em dados concretos e não apenas em impressões subjetivas, torna-se capaz de ajustar continuamente suas estratégias, aumentando a eficácia do ensino. Essa postura científica e reflexiva contribui para o fortalecimento da prática docente e para a construção de uma alfabetização que, além de técnica, seja também ética, responsiva e sensível às necessidades humanas e sociais do aluno.

4 .ABA e inclusão escolar

A presença de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras dificuldades no processo de alfabetização requer práticas pedagógicas que contemplem a diversidade, a previsibilidade e o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada estudante. O processo de ensinar a ler e escrever, nesse contexto, demanda uma intencionalidade que vá além da simples transmissão de conteúdos, pois implica compreender as particularidades cognitivas, sensoriais e comportamentais que influenciam o modo como cada criança se relaciona com a linguagem. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), ao oferecer um método fundamentado na observação sistemática, na coleta de dados e na aplicação de reforços positivos, revela-se uma poderosa aliada na promoção de avanços reais e mensuráveis na alfabetização desses alunos.
A ABA possibilita ao professor criar um ambiente de aprendizagem estruturado, previsível e seguro, no qual o aluno compreende claramente o que se espera dele e é constantemente reforçado por seus progressos. Essa clareza de expectativas contribui para a

redução de comportamentos desafiadores e para o aumento da motivação e da participação nas atividades escolares. Skinner (1953) enfatiza que o comportamento humano é moldado e mantido pelas consequências que o seguem, e, por isso, o uso do reforço positivo, como elogios, feedbacks imediatos e recompensas simbólicas, constitui um dos pilares mais eficazes da intervenção pedagógica baseada na ABA. No contexto da alfabetização, reforçar conquistas, por menores que sejam, fortalece a autoconfiança e estimula o aluno a persistir no aprendizado da leitura e da escrita.

Mais do que um conjunto de técnicas, a ABA deve ser compreendida como uma ferramenta de mediação pedagógica que aproxima a prática docente de uma postura científica e investigativa. Ao observar sistematicamente o comportamento dos alunos, registrar suas respostas e ajustar as condições de ensino com base em dados concretos, o professor adota uma metodologia pautada na análise funcional da aprendizagem. Esse processo permite compreender o que motiva o estudante, quais estímulos favorecem sua concentração e em que momentos surgem as barreiras ao aprendizado. Cooper, Heron e Heward (2020) destacam que a função do educador é identificar as variáveis ambientais que controlam o comportamento e intervir de modo a fortalecer respostas desejáveis, substituindo gradativamente as inadequadas por alternativas socialmente apropriadas.

A aplicação da ABA na educação inclusiva requer, entretanto, um olhar ético e sensível. Sua utilização deve sempre respeitar os princípios de dignidade, individualidade e participação ativa do aluno, evitando práticas mecanicistas ou impositivas. O educador deve reconhecer que cada comportamento observado expressa uma necessidade, um meio de comunicação ou uma tentativa de adaptação ao ambiente escolar. Assim, ao intervir sobre comportamentos desafiadores, o professor não busca eliminá-los, mas compreender suas funções e substituí-los por respostas mais adequadas e socialmente aceitas. Essa postura empática e funcional aproxima a ABA dos ideais da educação humanista e inclusiva, conforme preconiza a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), que garante a todos os alunos o direito a uma aprendizagem significativa, em ambiente que valorize a equidade e a participação plena.

Por fim, a presença da ABA na alfabetização de alunos com TEA e outras dificuldades não substitui o papel do professor, mas o fortalece. Ao oferecer instrumentos de análise, planejamento e intervenção, essa abordagem amplia as possibilidades pedagógicas e contribui para a construção de uma escola mais acolhedora e responsiva. A aplicação criteriosa e contextualizada dos princípios da ABA transforma o espaço escolar em um ambiente de experimentação e descoberta, no qual o erro é parte do aprendizado e o reforço positivo se torna o motor da autonomia. Assim, o ensino da leitura e da escrita ganha um caráter verdadeiramente inclusivo, ao reconhecer que cada aluno aprende à sua maneira e no seu tempo, desde que encontre um professor disposto a ensinar com ciência, empatia e propósito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração dos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) ao processo de alfabetização representa um avanço significativo para a educação contemporânea, especialmente quando se considera o desafio de ensinar em contextos inclusivos e heterogêneos. A ABA oferece ao professor instrumentos teóricos e metodológicos que permitem compreender o comportamento do aluno como produto das interações entre o indivíduo e o ambiente, orientando a prática docente a partir de observações sistemáticas e intervenções planejadas. Essa perspectiva desloca o foco do ensino tradicional, centrado na repetição e memorização, para uma prática que valoriza o reforço positivo, a construção gradual de repertórios e a aprendizagem funcional.

Ao reconhecer que a leitura e a escrita são comportamentos verbais aprendidos e mantidos por contingências sociais, o educador passa a entender a alfabetização como um processo dinâmico, mensurável e passível de ajustes contínuos. Essa compreensão confere ao professor um papel ativo como

analista do comportamento, capaz de identificar as condições que favorecem ou dificultam a aprendizagem e de intervir de maneira precisa e ética. Assim, a ABA contribui não apenas para a eficácia do ensino, mas também para a promoção de uma cultura escolar baseada em evidências, reflexão e sensibilidade pedagógica.

Além disso, a aplicação da ABA no contexto da alfabetização reforça o compromisso com a inclusão, ao possibilitar que cada aluno, independentemente de suas condições cognitivas ou comportamentais, tenha acesso a um processo de ensino estruturado e motivador. O respeito ao ritmo individual, a valorização dos pequenos progressos e a criação de ambientes previsíveis e acolhedores são aspectos que humanizam a prática educativa e fortalecem a autonomia do aprendiz. Nesse sentido, a ABA não se reduz a uma técnica, mas se constitui como uma filosofia de ensino comprometida com o desenvolvimento integral do ser humano.

Conclui-se, portanto, que a Análise do Comportamento Aplicada oferece uma base sólida e científica para repensar a alfabetização sob uma ótica mais inclusiva, funcional e afetiva. Sua utilização ética e consciente pode transformar a sala de aula em um espaço de descoberta e sucesso, em que o reforço positivo substitui a punição

e a aprendizagem é vista como um processo contínuo e compartilhado. Como afirmou Skinner (1953), "a educação é o maior dos empreendimentos humanos, pois é por meio dela que moldamos o comportamento de quem moldará o futuro". Assim, alfabetizar com base nos princípios da ABA é também um ato de compromisso social, científico e humano com a aprendizagem de todos.

REFERÊNCIAS

BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R. Algumas dimensões atuais da Análise do Comportamento Aplicada. Journal of Applied Behavior Analysis, v. 1, n. 1, p. 91-97, 1968.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 7 jul. 2015.

COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. Análise do Comportamento Aplicada. 3. ed. Hoboken: Pearson, 2020.

LOVAAS, O. Ivar. Tratamento comportamental e funcionamento educacional e intelectual normal em crianças autistas pequenas. Journal of Consulting and Clinical Psychology, v. 55, n. 1, p. 3-9, 1987.

SKINNER, Burrhus Frederic. Ciência e Comportamento Humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Original publicado em 1953).